



LORETTA CHASE

As Modistas - 1

Sedução da seda




ARQUEIRO



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

Em memória da princesa Irelynn.

Prólogo

No verão de 1810, o Sr. Edward Noirot fugiu para a vila de Gretna Green, no sul da Escócia, famosa por permitir o casamento de jovens sem o consentimento dos pais, levando consigo a Srta. Catherine DeLucey.

O Sr. Noirot estava convencido de que sua companheira era uma legítima herdeira inglesa, cuja fortuna, como resultado desse ato impetuoso, acabaria caindo exclusivamente em suas mãos. Uma fuga eliminaria toda a burocracia cansativa, sob a forma de contratos de casamento elaborados por pais e advogados. Ao se evadir com uma jovem rica, de sangue nobre, Edward Noirot dava seguimento a uma antiga tradição familiar: sua mãe e avó eram inglesas.

Infelizmente, o Sr. Noirot havia sido ludibriado por sua futura esposa, que, da maneira mais encantadora possível, era tão dedicada a mentir e a enganar quanto ele. Sim, *existiu* uma fortuna. Pertencera à mãe da jovem, que John DeLucey seduziu e levou para a Escócia, seguindo a sua venerável tradição familiar.

A essa altura, a suposta fortuna desaparecera e a Srta. DeLucey tentava melhorar sua situação financeira da mesma maneira que todas as mulheres de sua família: casando-se com um ingênuo cavalheiro de sangue azul, com bolsos cheios e um coração ardente.

Mas ela também havia sido enganada, pois Edward Noirot não detinha nenhuma fortuna. Ele era, de fato, descendente de um conde francês. Mas a riqueza de seus antepassados se extinguiu havia anos, durante a Revolução, junto com as cabeças de vários membros de sua família.

Graças a essa comédia de erros, o braço mais infame de uma das mais nobres famílias da França uniu-se à sua contraparte inglesa, mais conhecida – e odiada – nas Ilhas Britânicas como os Terríveis DeLuceys.

O leitor deve estar imaginando o desgosto do casal quando a verdade veio à tona, logo após a cerimônia do casamento. Sem dúvida, imagina que houve gritos, berros e recriminações. Engana-se. Sendo tão patifes – e

realmente apaixonados –, eles riram até não poder mais. Em seguida, juntaram suas forças. E decidiram seduzir e enganar todo e qualquer incauto que cruzasse seu caminho.

Foi um percurso longo e cheio de curvas que os levou de um canto a outro da Europa, mudando-se sempre que um desses locais se tornava desconfortável para o casal.

Nessas idas e vindas, Catherine e Edward Noirot geraram três filhas.

Capítulo um

A MODISTA. Sob essa denominação, devemos incluir não apenas o trabalho da criadora de vestidos e da chapeleira, mas também o da costureira... Bom gosto e imaginação são necessários, além de rapidez, discernimento e aprimoramento de vários estilos de moda, que estão sempre mudando nos mais altos círculos.

Guia do comércio inglês, 1818.

Londres, março de 1835.

Marcelline, Sophia e Leonie Noirot, irmãs e proprietárias da Maison Noirot, na rua Fleet, em West Chancery Lane, estavam presentes quando lady Renfrew, esposa de sir Joseph Renfrew, lançou a bomba.

Marcelline, com seus cabelos negros, moldava um laço em forma de borboleta, com o objetivo de seduzir a senhora para que comprasse sua mais recente criação. A loura Sophia recolocava em ordem uma gaveta, que havia sido desarrumada mais cedo para uma de suas clientes mais exigentes. Leonie, a ruiva, começava a ajustar a bainha da roupa da Sra. Sharp, amiga íntima de lady Renfrew.

Embora fosse apenas um mexerico que surgiu casualmente na conversa, a Sra. Sharp deu um grito estridente – quase como se uma bomba *realmente* tivesse explodido –, tropeçou e pisou na mão de Leonie.

Leonie não rogou pragas em voz alta, mas Marcelline viu os lábios da irmã formarem uma palavra que ela duvidava que suas clientes estivessem acostumadas a ouvir. Sem demonstrar nenhuma emoção pela dor causada à insignificante costureira, a Sra. Sharp perguntou:

– O duque de Clevedon está *voltando*?

– Sim – respondeu lady Renfrew, demonstrando uma boa dose de pressunção. – Soube de fontes seguras.

– O que aconteceu? Lorde Longmore ameaçou lhe dar um tiro?

Qualquer modista que tivesse a ambição de vestir as mulheres da alta classe mantinha-se sempre atualizada sobre os últimos acontecimentos. Assim sendo, Marcelline e as irmãs já estavam familiarizadas com todos os detalhes daquela história. Sabiam que Gervaise Angier, o sétimo duque de Clevedon, estivera sob a guarda do marquês de Warford, o pai do conde de Longmore. Estavam cientes de que Longmore e Clevedon eram grandes amigos e que Clevedon e lady Clara Fairfax, a mais velha entre as três irmãs de Longmore, estavam prometidos um para o outro.

Clevedon era apaixonado por ela desde a infância e jamais demonstrara nenhuma inclinação para fazer a corte a quem quer que fosse, embora por certo mantivesse vários relacionamentos de outra natureza, em especial durante os três anos que passara no exterior.

Apesar de o casal jamais ter noivado oficialmente, o fato era considerado mera formalidade. Todos sabiam que o duque se casaria com ela tão logo retornasse com Longmore de sua tradicional viagem pela Europa. Toda a sociedade ficou chocada quando, cerca de um ano antes, Longmore voltou e Clevedon continuou levando uma vida de devassidão.

Aparentemente alguém da família perdera a paciência, pois, de acordo com os boatos, lorde Longmore viajara para Paris havia duas semanas e confrontara o amigo sobre as tão aguardadas núpcias.

– Acho que ele ameaçou chicoteá-lo, mas não há como saber – comentou lady Renfrew. – Tudo o que me disseram foi que lorde Longmore foi a Paris e fez uma ameaça, o que resultou em uma promessa do amigo de que voltaria a Londres antes do aniversário do rei.

Embora Sua Majestade tivesse nascido em agosto, seu aniversário seria comemorado no dia 28 de maio daquele ano.

Como nenhuma das irmãs Noirot fez nada tão óbvio quanto gritar ou tropeçar, ou mesmo erguer uma sobrancelha, ninguém que estivesse observando poderia ter imaginado que elas consideravam aquela notícia de extrema importância.

Elas continuaram com suas tarefas, servindo às duas damas e a outras pessoas que adentrassem seu estabelecimento. Naquela noite, mandaram a costureira para casa e fecharam a loja. Subiram as escadas para seus humildes aposentos e fizeram uma leve refeição, como de costume. Marcelline contou uma história para a filha de 6 anos, Lucie Cordelia, antes de colocá-la na cama.

Lucie dormia o sono dos inocentes – ou o mais inocente possível para uma criança nascida em uma família em ruínas – quando as três irmãs desceram as escadas que levavam até o ateliê da loja.

Todos os dias, um menino de roupas imundas levava para elas o jornal que trazia os mais recentes escândalos tão logo era impresso –, em geral, antes que a tinta estivesse seca – e o entregava na porta dos fundos da loja. Leonie pegou o lote do dia e espalhou as folhas pela mesa de trabalho. As irmãs começaram a vasculhar as colunas.

– Está aqui – disse Marcelline depois de alguns instantes. – “O conde de L. voltou de Paris ontem à noite... Fomos informados de que certo duque, que atualmente reside na capital francesa, foi avisado, em termos inequívocos, que lady C. estava cansada de esperar pelo prazer... Sua Graça deve voltar a Londres antes das celebrações do aniversário do rei... Noivado a ser anunciado durante um baile na Residência Warford, no fim da estação... Casamento antes do fim do verão.”

Ela passou a página para Leonie, que prosseguiu a leitura:

– “Se o tal cavalheiro não cumprir seu compromisso, a dama considerará o ‘entendimento’ como um *mal-entendido*.” – Ela riu. – “Seguem algumas conjecturas interessantes sobre qual cavalheiro será favorecido em seu lugar.”

Empurrou o jornal na direção de Sophia, que balançava a cabeça.

– Ela seria uma tola em abrir mão dele. Um ducado, pelo amor de Deus. E um duque solteiro, jovem, bonito e saudável? Posso contar, em um único dedo, quantos desses há por aí. – Ela enfiou o dedo indicador na coluna do jornal. – Ele.

– Fico me perguntando qual o motivo da pressa – disse Marcelline. – Ela só tem 21 anos.

– E o que ela tem para fazer, além de ir a festas, óperas, bailes, jantares, passeios etc.? – comentou Leonie. – Uma moça da aristocracia que tem beleza, nível e um dote respeitável não devia se preocupar em atrair candidatos. Essa moça...

Nem precisou completar a frase. Elas já tinham visto lady Clara Fairfax em várias ocasiões. Sua beleza era impressionante: cabelos louros, olhos azuis, pele clara. Suas numerosas qualidades incluíam alta classe, uma linhagem impecável e um dote esplêndido; os homens se jogavam a seus pés por onde quer que ela passasse.

– Nunca mais na vida aquela moça será capaz de exercer tanto poder

sobre os homens como agora – comentou Marcelline. – Ela devia esperar chegar mais perto dos 30 anos para se casar.

– Imagino que lorde Warford jamais pudesse esperar que o duque ficasse longe por tanto tempo – afirmou Sophia.

– Dizem que ele sempre obedeceu ao marquês – respondeu Leonie. – Desde que o pai dele morreu de tanto beber. Não se pode culpar Sua Graça por fugir.

– Talvez lady Clara tenha ficado ansiosa – argumentou Sophia. – Ninguém parecia preocupado com a ausência de Clevedon, mesmo quando lorde Longmore voltou para casa sem ele.

– Por que se preocupariam? – perguntou Marcelline. – Todos os consideram noivos. Quebrar o compromisso com lady Clara seria o mesmo que romper com toda a família.

– Talvez exista outro pretendente... Um que lorde Longmore não aprovaria – arriscou Leonie.

– Lady Warford não deixaria um ducado lhe escapar – disse Sophia.

– Que ameaça lorde Longmore teria usado? – indagou Sophia. – Ambos têm fama de serem desvairados e violentos. Ele não poderia tê-lo ameaçado com um duelo. Matar o duque iria contra todos os seus objetivos. Talvez tenha ameaçado apenas espancá-lo até ele perder os sentidos.

– Isso eu gostaria de ver – disse Marcelline.

– Eu também – concordou Sophia.

– E eu – acrescentou Leonie.

– Dois homens aristocráticos e bonitos lutando – disse Marcelline, com um sorriso nos lábios. Como Clevedon havia partido de Londres várias semanas antes de ela e as irmãs voltarem de Paris, até aquele momento elas ainda não o haviam conhecido. Entretanto, sabiam que o mundo inteiro o considerava um homem bonito. – Essa é uma cena que eu não perderia por nada. Que pena que não acontecerá.

– Por outro lado, não se vê o casamento de um duque todos os dias. Eu já estava começando a achar que esse não aconteceria tão cedo – disse Sophia.

– Será o casamento do ano, talvez o da década – comentou Leonie. – O vestido da noiva é apenas o começo. Ela vai exigir um enxoval e um guarda-roupa novo completo, à altura de seu título. Tudo será da melhor qualidade. Quilômetros de renda. As melhores sedas. Musselina leve como o ar. Ela vai gastar uma verdadeira fortuna.

Por um instante, as três irmãs permaneceram em silêncio, contemplando aquela visão, parecendo almas piedosas admirando o paraíso.

Marcelline sabia que Leonie estava calculando aquela fortuna até a última libra. Sob a indomável cabeleira ruiva da irmã escondia-se uma incansável mulher de negócios. Ela amava o dinheiro e todas as maquinacões que o envolviam. Trabalhava apaixonadamente em seu livro de contabilidade. Marcelline, por outro lado, preferia limpar vasos sanitários a analisar uma coluna de números.

Cada uma das irmãs tinha seu ponto forte. Marcelline, a mais velha, se parecia com o pai. Era a única das três que poderia ser verdadeiramente filha do Sr. Edward Noiro. Não havia dúvidas de que herdara seu senso de moda, além de sua imaginação e habilidade para o desenho. Ela também herdara a paixão do pai por objetos de valor, mas, graças aos anos passados em Paris aprendendo costura com a prima Emma, seus sentimentos quanto a essa atividade, assim como o de suas irmãs, tornaram-se mais profundos. O que começara como um trabalho enfadonho – um ofício aprendido na infância, por pura necessidade de sobrevivência – havia se transformado no maior prazer e alegria da vida de Marcelline. Ela não era apenas a desenhista da Maison Noiro, mas também sua alma.

Sophia tinha talento para o drama, que ela transformou em habilidade lucrativa. Na aparência, uma loura inocente de olhos azuis; por dentro, uma raposa. Era capaz de vender areia para beduínos, já fizera chorar os agiotas mais frios e convencera as senhoras mais mesquinhas a comprar as criações mais caras da loja.

– Pense no prestígio – disse Sophia. – A duquesa de Clevedon será uma líder, ditará moda. O que ela usar, todas irão querer.

– Ela será uma líder da moda nas mãos certas – ponderou Marcelline. – Mas, por enquanto...

Suspiros encheram aquela pausa.

– O gosto dela é terrível – disse Leonie.

– Culpa da mãe dela – acrescentou Sophia.

– Da modista da mãe dela, para ser mais precisa – corrigiu Leonie.

– Hortence, a Horrorosa – repetiram as três em divertido uníssono.

Hortence Downes era a proprietária da loja Downes, o maior obstáculo das irmãs ao domínio total do comércio de moda de Londres. Na Maison Noiro, a odiada loja da rival era apelidada carinhosamente de “Trapos”.

– Roubá-la da Trapos seria um ato de caridade – disse Marcelline.

Seguiu-se um instante de silêncio, enquanto elas se perdiam em devaneios. No minuto em que roubassem uma cliente, outras a seguiriam. As mulheres da alta sociedade agiam como ovelhas. Isso poderia se tornar uma vantagem para quem fosse capaz de conduzir o rebanho para a direção certa. O problema era que não eram muitas as damas da alta sociedade que compravam na Maison Noiroot, pois as amigas não o faziam. Poucas delas se mostravam dispostas a experimentar algo diferente.

Nos quase três anos de existência da loja, porém, elas haviam conquistado algumas clientes, como lady Renfrew. Mas ela era apenas a mulher de um cavaleiro recentemente condecorado; suas outras clientes eram membros da pequena nobreza ou novos ricos. As mulheres mais nobres – duquesas, marquesas e semelhantes – ainda davam preferência a estabelecimentos mais consolidados, como a Trapos.

Embora apresentasse um trabalho superior a qualquer peça que as rivais londrinas pudessem produzir, a Maison Noiroot ainda não conquistara prestígio suficiente para atrair as damas para a sua lista de clientes.

– Levamos dez meses para livrar Lady Renfrew das garras da Trapos – disse Sophia.

Elas conseguiram esse feito porque lady Renfrew ouvira, sem querer, uma funcionária da Trapos, a Srta. Oakes, dizer que os corpetes de sua filha mais velha eram difíceis de produzir porque seus seios eram de tamanhos diferentes.

Indignada, lady Renfrew cancelou um enorme pedido de roupas de luto e foi diretamente à Maison Noiroot, recomendada por sua amiga lady Sharp.

Durante a prova, Sophia dissera à filha mais velha, que não parava de chorar, que nenhuma mulher no mundo tinha seios perfeitamente iguais. Ela também comentou que a pele de lady Renfrew era como cetim e que metade das damas da alta sociedade invejava seu colo. Quando as irmãs Noiroot terminaram de vestir a jovem, ela quase desmaiou de alegria. Houve comentários de que sua silhueta também fizera vários rapazes quererem desmaiar.

– Não temos dez meses desta vez – disse Leonie. – Não podemos esperar aquela palerma da Trapos insultar lady Warford. Afinal, ela é uma marquesa, não é a mulher de um cavaleiro qualquer.

– Precisamos atraí-la depressa ou a chance será perdida para sempre – disse Sophia. – Se a Trapos pegar a encomenda do vestido de noiva da duquesa de Clevedon, pegará todo o resto também.

– Não se eu chegar primeiro – declarou Marcelline.

Capítulo dois

ÓPERA ITALIANA, PLACE DES ITALIENS. Os amantes da língua e da música italianas sentir-se-ão deleitados pelos talentosos cantores. Este teatro dedica-se exclusivamente à apresentação de óperas cômicas italianas; é patrocinado pelo governo e associado à grande ópera francesa. As apresentações acontecem às terças, quintas e sábados.

FRANCIS COGHLAN, *Um guia da França, explicando cada aspecto e gastos de Londres a Paris*, 1830.

*Paris, Ópera Italiana.
14 de abril de 1835.*

Clevedon tentou ignorá-la.

A linda morena se preparara para chamar sua atenção. Aparecera com uma amiga atriz no camarote em frente ao dele no último minuto. O momento não foi muito conveniente.

Ele havia prometido escrever uma carta para Clara, contendo uma descrição detalhada da apresentação daquela noite de *O barbeiro de Sevilha*. Sabia que Clara ansiava por visitar Paris, embora se contentasse com as cartas do noivo. Ele voltaria a Londres em mais ou menos um mês, retomando o que abandonara. Já havia decidido agir com integridade, pelo bem de Clara. Não pretendia ser o tipo de marido que seu pai fora. Depois do casamento, ele a levaria para outros países. Por enquanto, apenas se correspondiam, como faziam desde a época em que ela aprendera a usar a pena.

No momento, entretanto, a intenção dele era aproveitar cada minuto de suas últimas semanas de liberdade. Assim, a carta para Clara não era sua única preocupação da noite.

Ele viera atrás de madame St. Pierre, que estava sentada em um camarote próximo, com amigos, e que lançava ocasionais olhares de interesse

em sua direção. Ele havia apostado 200 libras com Gaspard Aronduille que madame o convidaria para sua festa depois da ópera, ocasião em que Clevedon esperava encontrar um caminho até a cama dela.

Mas a morena misteriosa...

Todos os homens no teatro notavam a presença dela. Nenhum deles prestava atenção na ópera. O público francês, diferentemente do inglês ou do italiano, assistia às apresentações no mais respeitoso silêncio. Mas os amigos de Clevedon sussurravam sem parar, querendo saber quem era “aquela magnífica criatura” sentada ao lado da atriz Sylvie Fontenay.

Ele olhou de relance para madame St. Pierre e, em seguida, olhou para a morena, do outro lado do teatro. Pouco tempo depois, enquanto os amigos continuavam a fazer especulações e perguntas, o duque de Clevedon levantou-se e saiu.



– Foi um trabalho rápido – murmurou Sylvie por detrás do leque.

– A pesquisa foi bem-sucedida – disse Marcelline.

Ela havia passado a semana inteira aprendendo sobre os hábitos e interesses do duque de Clevedon. Invisível a ele e a todo o resto, embora estivesse à vista de todos, ela o seguira por toda Paris, noite e dia.

Como o restante de sua abominável família, ela era capaz de se fazer notar ou de não ser notada. Naquela noite, Marcelline saíra dos bastidores. Todos os olhos no teatro estavam voltados para ela. Isso era ruim para os atores, mas ela não se importava. Ao contrário dela, eles não haviam se esforçado ao máximo. Rosina estava cambaleante nas notas altas e Fígaro não demonstrava nenhuma exuberância ou prazer de viver.

– Ele não perde um segundo – comentou Sylvie, mantendo o olhar propositalmente no que acontecia no palco. – Quer ser apresentado, então o que faz? Vai direto ao camarote dos maiores fofoqueiros de Paris, meus velhos amigos, o *comte* d’Orefeur e sua amante, madame Ironde. Esse, minha cara, é um especialista na arte de caçar mulheres.

Marcelline tinha plena consciência disso. Sua Graça não era apenas especialista em sedução, mas um homem de fino gosto. Não corria atrás de qualquer mulher atraente que cruzasse seu caminho. Não frequentava bordéis – nem mesmo o mais elegantes –, como tantos estrangeiros faziam.

Não corria atrás de serviçais ou costureiras. Apesar de sua reputação, não era um típico libertino. Só perseguia as belezas mais aristocráticas de Paris e o *crème de la crème* do submundo.

Embora isso significasse que a virtude dela – ainda que não intocada – estava protegida, também representava o desafio de manter a atenção dele por tempo suficiente para conseguir o que queria. Por isso, o coração de Marcelline bateu mais rápido, do mesmo jeito que batia quando esperava a roleta da mesa de jogos. Desta vez, entretanto, as apostas eram muito mais altas do que mero dinheiro. O resultado do jogo determinaria o futuro de sua família.

Seu semblante estava calmo e confiante.

– Quanto você aposta que o conde e ele entrarão neste camarote no exato momento em que o intervalo começar?

– Nem uma moeda. Eu sei que está certa – disse Sylvie.



Assim que o intervalo começou – e antes que outros membros da plateia tivessem se levantado de seus lugares –, Clevedon entrou no camarote de mademoiselle Fontenay, acompanhando do *comte* d’Orefeur.

A primeira coisa que vislumbrou foram as costas da morena: ombros suavemente expostos alguns milímetros além do que as parisienses se atreviam a mostrar, e a pele leitosa e macia. Os cachos em desalinho balançavam de modo sedutor.

Ele olhou para aquele pescoço e se esqueceu totalmente de Clara, de madame St. Pierre ou qualquer outra mulher na face da Terra.

Uma vida inteira pareceu ter transcorrido antes que ele estivesse de pé, diante dela, observando seus notáveis olhos escuros, o cintilar do sorriso... o olhar descendo para a curva madura dos lábios da jovem, uma risada, mais uma vez, querendo surgir nos cantos. Então ela se moveu um pouco, e foi mesmo só um pouquinho – o mais leve mexer de ombros –, mas ela o fez como uma amante que se vira na cama, ou pelo menos foi o que o corpo dele sentiu, provocando-lhe uma sensação entre as pernas.

A luz bateu nos cabelos dela, lançando um brilho dourado em sua pele, dançando naqueles olhos risonhos. O olhar dele deslizou mais para baixo, para o volume dos seios sob a seda do decote... a curva elegante da cintura...

Ele tinha uma vaga consciência das pessoas conversando ao seu redor, mas não conseguia concentrar-se em mais ninguém. A voz dela era baixa, um contralto com um sombreado de rouquidão.

Seu sobrenome, ele ficou sabendo, era Noiroot.

Tendo dito à mademoiselle Fontenay tudo o que as boas maneiras exigiam, ele se voltou para a mulher que havia perturbado toda aquela plateia. Com o coração disparado, ele se curvou sobre a mão enluvada da jovem.

– *Madame Noiroot. Enchanté.*

Ele tocou a pelica macia com os lábios. Um aroma leve, porém exótico, lhe subiu às narinas. Seria jasmim? Ao levantar a cabeça, encontrou um olhar profundo como a meia-noite. Por um longo e palpitante momento, seus olhos se encontraram.

Ela apontou o leque para o assento vazio ao seu lado.

– É um pouco desconfortável conversar dessa maneira, Vossa Graça.

– Perdão. – Ele se sentou. – Quão rude de minha parte irromper sobre a senhora dessa maneira. Mas a vista aqui do alto era...

Ele se interrompeu de repente, ao perceber algo: ela havia falado em inglês, com o mesmo sotaque dos de sua classe social, nada inferior a isso. Ele respondera de forma automática, pois aprendera ainda na infância a oferecer ao seu parceiro de conversa a cortesia de responder em seu idioma.

– Curioso – disse ele. – Eu apostaria qualquer coisa que a senhorita era francesa.

Francesa e sem nenhuma nobreza. Tinha que ser. Ele a ouvira falar com Orefeur em um francês parisiense perfeito, certamente superior ao dele próprio. O sotaque era refinado, mas sua amiga, que devia ter cerca de 40 anos, era atriz. As damas da alta sociedade não se misturavam com atrizes. Ele a tomara por atriz ou cortesã.

Todavia, se fechasse os olhos, podia jurar que estava conversando com uma aristocrata inglesa.

– Apostaria *qualquer coisa*? – perguntou ela. Seus olhos se elevaram até a cabeça dele e desceram lentamente, deixando um rastro de calor pelo caminho, descansando sobre o lenço ao redor do pescoço. – Esse belo alfinete, por exemplo?

O cheiro, a voz e o corpo estavam deixando lento o cérebro de Clevedon.

– Uma aposta? – disse ele, sem refletir.

– Ou poderíamos discutir os méritos de Fígaro, ou debater se Rosina

deveria ser contralto ou *mezzosoprano* – prosseguiu ela. – Mas acho que o senhor não estava prestando muita atenção na ópera. – Ela movimentou o leque lentamente. – Por que será que eu tive essa impressão?

Ele recuperou a concentração.

– Como alguém pode prestar atenção em uma ópera quando a senhora está no mesmo ambiente?

– O público é francês – retrucou ela. – Eles levam a arte a sério.

– E a senhora não é francesa?

Ela sorriu.

– Não era exatamente essa a questão?

– Francesa. A senhora imita brilhantemente, mas é francesa.

– O senhor tem muita certeza.

– Sou apenas um inglês obstinado, eu sei – confessou ele. – Mas sou capaz de diferenciar uma inglesa de uma francesa. Uma inglesa pode se vestir como uma francesa dos pés à cabeça, mas ainda parecerá inglesa. A senhora...

Ele se interrompeu, permitindo que seu olhar passasse sobre ela. Analisou o penteado. Era elegante, com a precisão dos cabelos das outras francesas... mas não exatamente igual. O dela era... diferente. Era como se tivesse saído da cama e se arrumado com pressa. Mas não estava despen-teada. Estava... diferente.

– A senhora é francesa – declarou ele. – Se estiver enganado, o alfinete é seu.

– E se estiver certo? – inquiriu ela.

Ele pensou depressa.

– Se eu estiver certo, a senhora me dará a honra de cavalgar comigo amanhã. No Bois de Boulogne.

– Só isso? – perguntou ela, dessa vez em francês.

– Para mim, é um prêmio de grande valor.

Ela se levantou abruptamente, fazendo a seda farfalhar. Surpreso – *mais uma vez* –, ele se levantou também.

– Preciso de ar – disse ela. – Está ficando quente aqui.

Ele abriu a porta que dava para o corredor e ela passou apressada porta afora. Ele a seguiu, o pulso acelerado.



Marcelline já o vira inúmeras vezes, até mesmo de perto, mas ainda estava vacilante.

Primeiro, o corpo. Sem dar na vista, ela estudou o corpo dele enquanto o homem conversava educadamente com Sylvie. Aquele físico esplêndido não era, como ela pensava, fruto de um bom corte de roupa, embora o corte fosse primoroso. Os ombros largos do cavalheiro não estavam cobertos por enchimentos e seu torso afilado não era sustentado por nada que não fossem músculos.

Músculos por toda parte – nos braços e nas longas pernas. Nenhum alfaiate teria conseguido criar o poder que emanava daquela figura. *Está ficando quente aqui*, aquele fora seu primeiro pensamento coerente. Logo ele estava diante de Marcelline, inclinando-se sobre sua mão, e o lugar ficou ainda mais quente. Ela sentia os cabelos dele, os cachos negros cintilando como seda, artisticamente despenteados.

Ele levantou a cabeça.

Ela viu uma boca que deveria ter pertencido ao rosto de uma mulher, tão sensual que era. Ao mesmo tempo, era totalmente masculina e carnal.

Um instante depois, ela olhava para cima, dentro dos olhos de uma cor rara – verdes como jade –, enquanto uma voz masculina afagava seu ouvido e parecia acariciar partes de seu corpo que não eram visíveis.

Santo Deus!

Ela caminhou com rapidez enquanto saíam do camarote. Percebeu os grupos de frequentadores da ópera abrindo caminho para sua passagem. Isso a divertiu, mesmo ciente do problema inesperado que caminhava ao seu lado. Ela sabia que o duque de Clevedon não era fácil de controlar. Ela o havia subestimado. E muito. Entretanto, ela era uma Noirot e os riscos só serviam para excitá-la.

Por fim, parou em uma parte menos movimentada do corredor, perto de uma janela. Por algum tempo, ficou olhando para fora. O vidro mostrava seu reflexo: uma mulher maravilhosamente vestida, atraente, um anúncio vivo do que um dia – em breve, com um pouquinho da ajuda dele – seria o melhor estabelecimento de Londres quando se tratava de vestimentas femininas. Assim que conquistassem a duquesa de Clevedon, o patrocínio real viria como consequência natural: a lua e as estrelas, quase ao alcance de suas mãos.

– Espero que não esteja se sentindo mal – comentou Clevedon, em um francês com sotaque inglês.

– Não, mas percebi que agi de maneira absurda. Que aposta mais ridícula!

Ele sorriu.

– A senhora não está desistindo, está? Cavalgar ao meu lado no Bois de Boulogne seria um castigo assim tão terrível?

Era um sorriso de menino e ele falou com um chame autodepreciativo que já devia ter destruído as virtudes de centenas de mulheres.

– Em qualquer das hipóteses, a vencedora sou eu. Por mais que eu a analise, considero essa aposta uma tolice. Pense bem, quando eu lhe disser se está certo ou errado, como vai saber se estou dizendo a verdade?

– A senhora acha que eu exigiria ver o seu passaporte?

– O senhor planeja acreditar em minha palavra?

– É claro que sim.

– Isso pode ser um galanteio ou uma prova de ingenuidade. Não tenho certeza de qual dos dois.

– A senhora não mentiria para mim – argumentou ele.

Se as irmãs de Marcelline estivessem presentes, teriam desmaiado de tanto rir.

– O diamante em seu alfinete é extraordinário – ponderou ela. – Se o senhor acha que uma mulher não mentiria para tê-lo, posso dizer que é ingênuo.

Os acusadores olhos verdes percorreram o rosto dela.

– Eu estava errado – disse ele em inglês. – Totalmente errado. A senhora é inglesa.

Ela sorriu.

– O que me denunciou? A conversa?

– Mais ou menos – respondeu ele. – Se fosse francesa, estaríamos debatendo o sentido de verdade. Eles não deixam passar nada. Precisam sempre colocar as coisas sob as lentes da filosofia. É um tanto cativante, mas, ao mesmo tempo, previsível. Tudo deve ser dissecado e classificado. Regras. Eles precisam de regras. E criam tantas...

– Esse não seria um discurso muito sábio se eu fosse francesa.

– Mas a senhora não é. Já sabemos disso.

– Será?

Ele assentiu.

– O senhor apostou depressa demais. Age sempre assim?

– Algumas vezes, sim. Mas a senhora me deixou em desvantagem. É diferente de qualquer pessoa que eu já tenha conhecido.

– E, de alguma forma, sou mesmo – concordou ela. – Meus pais eram ingleses.

– E um pouco franceses.

O humor era visível em seus olhos verdes e o coração frio e calculista dela deu um pequeno salto. Por Deus, ele era esperto.

– Bem pouquinho – respondeu ela. – Um bisavô francês. Mas ele e os filhos gostavam das inglesas.

– Um bisavô é muito pouco e não conta – declarou ele. – Estou cercado de nomes franceses por todos os lados, mas sou inglês até a alma... e tipicamente lerdo, a não ser na hora de tirar conclusões precipitadas. Ah, muito bem. Adeus, meu lindo alfinete.

Ele levantou as mãos para removê-lo. Embora usasse luvas, Marcelline tinha certeza de que elas não escondiam calos ou unhas quebradas. As mãos daquele homem seriam típicas dos de sua classe: macias e com as unhas bem cuidadas. Entretanto, eram maiores do que o normal, os dedos longos e graciosos.

Bem, não tão graciosos naquele momento. Seu camareiro havia prendido o alfinete com firmeza e precisão no meio das dobras do lenço. Ele precisava lutar para retirá-lo. Ou era o que parecia.

– É melhor que eu faça isso – disse ela. – O senhor não sabe o que está fazendo.

Ela afastou as mãos dele, tocando-as levemente. Luva contra luva, nada mais. Mesmo assim, ela sentiu como se suas peles tivessem se tocado e a sensação percorreu todo o seu corpo.

Marcelline tinha bastante consciência do tórax largo sob as ricas camadas do lenço, do colete e da camisa. Mas suas mãos não hesitaram ou tremeram. Sua experiência falou mais alto. Anos e anos segurando as cartas com firmeza, enquanto o coração batia forte. Anos de blefes, nunca permitindo que um piscar de olhos, um músculo facial retorcido, fossem capazes de traí-la.

O alfinete saiu com facilidade, cintilando diante da luz. Ela observou o tecido branco como a neve que acabara de amassar.

– Parece que ficou nu – disse ela. – Seu lenço.

– O que é isso? – indagou ele. – Remorso?

– Jamais – retrucou ela, e aquela era a verdade mais cristalina. – Mas esse vazio ofende minhas sensibilidades estéticas.

– Nesse caso, devo ir correndo até o meu hotel e pedir ao meu camareiro que coloque outro.

– O senhor gosta de agradar – comentou ela.

– Não há nada estranho nisso.

– Fique calmo, Vossa Graça. Tenho uma solução primorosa.

Ela tirou um alfinete de seu próprio corpete e substituiu-o pelo dele. Em seguida, colocou nele o que estava usando. O dela não era tão extraordinário, não passava de uma pequena pérola. Mas era uma pérola bonita, de bom brilho. A peça se encaixou suavemente em seu lugar, por entre as dobras do tecido. Ela estava consciente do olhar atento que ele lhe lançou e do silêncio absoluto que fez enquanto esperava.

Ela alisou levemente o tecido, deu um passo para trás e analisou seu trabalho com olhar crítico.

– Vai servir muito bem – concluiu.

– Vai mesmo?

Ele estava olhando para ela, não para a pérola.

– Deixe que a janela lhe sirva de espelho.

Ele continuava olhando para ela.

– O vidro, Vossa Graça. O senhor deveria pelo menos admirar o trabalho que realizei.

– Eu admiro. Muito.

Ele se virou, com um leve sorriso, e estudou a própria imagem no vidro.

– A senhora tem um olhar tão bom quanto o do meu camareiro. E esse é um elogio que não faço a qualquer um.

– Meu olho tem que ser bom – disse ela. – Sou a melhor modista do mundo.



O coração dele batia erráticamente.

De ansiedade, de que mais? E por que não? Ela era, sem dúvida, diferente de qualquer mulher que conhecia.

Paris era outro mundo, se comparada a Londres, e as mulheres francesas eram de uma espécie diferente. Mesmo assim, ele já estava acostumado à

sofisticação das parisienses, o bastante para prever o virar de um pulso, o movimento de um leque, o ângulo da cabeça, em qualquer situação. Regras, como ele havia mencionado. Os franceses viviam de acordo com regras.

Aquela mulher criava as próprias regras.

– Uma modista modesta – brincou ele.

Ela achou graça, mas não era aquela risada ressonante, com a qual ele estava acostumado. Era baixa e íntima, não era para ouvidos alheios. Ela não estava tentando fazer cabeças se virarem em sua direção, como as outras mulheres faziam. Somente a dele.

E ele se afastou da janela para olhá-la de frente.

– Talvez, ao contrário de todas as outras pessoas no teatro, o senhor não tenha percebido – disse ela, fazendo um movimento brusco com o leque fechado sobre o vestido.

Ele passou os olhos por ela. Antes, prestara atenção apenas superficialmente ao que ela vestia. Estava mais consciente das características físicas da moça: as audaciosas curvas do corpo, a brancura da pele, o brilho dos olhos, a delicada desarrumação dos cabelos.

Agora, observava como aquele corpo sedutor estava enfeitado: a renda preta da capa, ou túnica, ou o que quer que fosse, sobre uma delicada seda cor-de-rosa, o estupendo arranjo de cores e detalhes e pedrarias, o... o...

– Estilo – disse ela.

Dentro dele, fez-se uma pausa, uma dúvida, um momento de desconforto. Sua mente parecia ser um livro aberto para aquela mulher, que já havia passado pelo sumário e a introdução, indo diretamente ao primeiro capítulo.

Mas que importância tinha aquilo? Ela, que deixava claro não ser nenhuma inocente, sabia muito bem o que ele desejava.

– Não, madame. Não percebi. Só tive olhos para a senhora.

– Isso é exatamente a coisa certa para se dizer a uma mulher. E a coisa errada para se dizer a uma modista.

– Eu imploro que seja apenas uma mulher neste momento – rogou ele.

– Como modista, a senhora desperdiça seus talentos comigo.

– De jeito nenhum – retrucou ela. – Se eu estivesse malvestida, o senhor não teria entrado no camarote de mademoiselle Fontenay. Ainda que o senhor tivesse sido rude e deixasse de lado os ditames da elegância, o *comte* d’Orefeur o teria salvado do erro suicida e se recusado a nos apresentar.

– *Suicida?* Estou detectando certa tendência ao exagero.

– Quanto às boas maneiras? Permita-me lembrá-lo de que estamos em *Paris*.

– No momento, não me importa onde estou – confessou ele.

Mais uma vez, a risada baixa. Ele sentiu o som como se a respiração dela tocasse sua nuca.

– Preciso tomar cuidado – retrucou ela. – O senhor está determinado a me conquistar.

– Foi a senhora quem começou. A senhora me conquistou.

– Se está tentando me abrandar para ter de volta o seu diamante, saiba que não vai dar certo.

– Se a senhora acha que vou devolver sua pérola, recomendo que pense duas vezes – disse ele.

– Não diga esse absurdo. O senhor pode ser romântico o suficiente para não se importar com o fato de que seu diamante vale cinquenta pérolas destas, mas eu não sou. Pode ficar com a pérola, com a minha bênção. Mas preciso retornar para perto de mademoiselle Fontenay. E aqui está seu bom amigo, *Monsieur le comte*, que veio evitar que o senhor cometa o disparate de retornar comigo. Sei que o senhor está encantado, devastado, Vossa Graça, e sim, estou *désolé* por perder sua companhia. É tão agradável conhecer um homem com cérebro. Mas não vai acontecer. Não posso ser vista favorecendo um cavalheiro. É ruim para os negócios. Devo apenas ter a esperança de revê-lo algum dia. Quem sabe amanhã, em Longchamp, onde, naturalmente, vou exhibir minhas criações.

Orefeur juntou-se a eles assim que o sinal tocou para avisar que o intervalo chegara ao fim. Uma jovem acenou para ela e madame Noirot se retirou, fazendo uma rápida e graciosa mesura – apenas para Clevedon perceber –, lançando um olhar provocante por cima do leque.

Tão logo ficou impossível que ela ouvisse, Orefeur disse:

– Tome cuidado. Essa aí é perigosa.

– Eu sei – respondeu Clevedon, observando-a abrir caminho pela multidão, como se fosse da realeza, embora estivesse bem longe de sê-lo.

Ela era uma lojista, nada mais. E contara esse fato sem nenhum constrangimento, mas ele não conseguia acreditar. Observou a maneira como ela se movia, tão diferente da amiga francesa que as duas pareciam ser de espécies diferentes.

– Sim – respondeu ele. – Eu sei.



Enquanto isso, em Londres, lady Clara Fairfax ansiava por jogar um vaso de porcelana na cabeça dura de seu irmão. Mas o barulho atrairia a atenção e a última coisa que ela queria era que a mãe adentrasse a biblioteca.

Ela o arrastara para lá porque era um cômodo onde a mãe raramente entrava.

– Harry, como você foi capaz de fazer uma coisa dessas? – gritou ela. – Todos estão comentando. Estou *arrasada*.

O conde de Longmore dobrou o corpo cautelosamente, sentou-se no sofá e fechou os olhos.

– Não precisa berrar. Minha cabeça...

– Posso imaginar como você conseguiu essa dor de cabeça. E não me compadeço de você.

Sombras rodeavam os olhos de Harry e seu rosto estava pálido. Vincos e amassados indicavam que ele não havia trocado de roupa desde a noite anterior. Os cabelos negros em desalinho deixavam claro que nenhum pente os tocara durante todo esse tempo. Ele tinha passado a noite na cama de uma de suas amantes, não havia a menor dúvida, e nem se dera ao trabalho de se trocar quando a irmã mandara chamá-lo.

– Sua mensagem dizia que era uma questão urgente. Só vim porque achei que você precisava de ajuda. Não vim para ouvir você berrar nos meus ouvidos.

– Ir correndo a Paris para dar um ultimato a Clevedon? “Case-se com a minha irmã, senão...” Essa sua ideia era para me ajudar?

Ele abriu os olhos e encarou a irmã.

– Quem contou isso?

– O mundo inteiro está falando sobre isso – garantiu ela. – Durante semanas, como fiquei sabendo. Ia acabar chegando aos meus ouvidos.

– O mundo inteiro está louco. Não foi um ultimato. Só perguntei a ele se queria você ou não.

– Oh, não!

Ela afundou o corpo na cadeira ao lado e colocou a mão sobre a boca. Seu rosto estava pegando fogo. *Como pôde?* Mas que pergunta. É claro que ele podia. Harry nunca fora conhecido por seu tato ou sensibilidade.

– Melhor eu que papai – ponderou ele.

Ela fechou os olhos. Ele estava certo. Papai teria escrito uma carta. Teria sido muito mais discreto e muito mais devastador para Clevedon do que qualquer coisa que Harry pudesse dizer. Papai teria envolvido o duque em sentimentos de culpa e obrigação – e isso, ela suspeitava, era provavelmente o que levara Sua Graça ao continente, para início de conversa.

Ela retirou a mão da boca, abriu os olhos e seu olhar encontrou o do irmão.

– Você acha mesmo que chegamos a esse ponto?

– Minha querida irmãzinha, mamãe está *me* deixando louco e eu não moro com ela. Passei a ter medo de parar em casa porque sei que ela vai tocar nesse assunto sempre. Até papai tentou ignorá-la, mas desistiu. Você sabe que, desde o início, ele nunca quis que Clevedon e eu viajássemos. Bom, pelo menos não Clevedon. Quanto a mim, ficou feliz por me ver pelas costas.

Era verdade que mamãe andava cada vez mais estridente nos últimos meses. As filhas de suas amigas, que haviam debutado junto com Clara, estavam casadas. Enquanto isso, a mãe temia que Clara se esquecesse de Clevedon e se apaixonasse por algum sujeito que não fosse digno dela – ou seja, alguém que não fosse um duque.

Por que você encoraja lorde Adderley, quando sabe que ele está praticamente falido? E aquele detestável Sr. Bates, que não tem um centavo para herdar, com dois homens separando-o do título. Você sabe que a propriedade de lorde Geddings está caindo aos pedaços. E sir Henry Jaspers – minha filha? Encorajando as atenções de um baronete? Você está tentando me matar aos poucos, Clara? Qual é o seu problema, que não consegue prender um homem que a ama desde o berço e que tem mais dinheiro do que todos esses juntos?

Quantas vezes Clara ouviu aquele discurso desde que haviam retornado a Londres?

– Sei que você teve a melhor das intenções, meu irmão, mas gostaria que não o tivesse feito.

– Ele está fora há três anos – justificou Harry. – A situação começa a ficar um tanto ridícula, até mesmo para mim. Ou ele tem a intenção de se casar com você, ou não tem. Ou ele quer morar no exterior, ou quer morar na Inglaterra. Acho que ele já teve tempo suficiente para tomar uma decisão.

Ela pestanejou. Três anos? Não parecia tanto tempo. Clara passara o primeiro desses anos de luto pela morte da avó, a quem adorava. Na época,

não teve desejo de debutar. Aquele ano e os dois que se seguiram foram preenchidos com as extraordinárias cartas de Clevedon.

– Não me dei conta de que tanto tempo já se passou. Ele escreve com tanta lealdade que parece estar aqui.

Ela vinha escrevendo para ele desde que aprendera a rabiscar futilidades do tipo “Espero que esta carta o encontre com saúde. O que você está achando da escola? Eu estou aprendendo francês. É difícil. E você? O que está aprendendo?”. Mesmo quando criança, ele fora um correspondente agradável. Era um observador atento e tinha um dom natural para descrições, além de um humor afiado. Ela o conhecia muito bem, melhor do que a maioria das pessoas poderia conhecê-lo, mas esse conhecimento vinha quase todo por meio de cartas.

Agora, ela começava a perceber que não tinham passado muito tempo juntos. Enquanto Clara era educada em casa, ele estava na escola e, depois, na universidade. Quando ela passou a frequentar a sociedade, Clevedon já estava no exterior.

– Tenho que confessar que também não tinha me dado conta disso – disse Harry. – Quando perguntei a ele quais eram suas intenções, Clevedon riu e disse que fiz bem em ir ao seu encontro. Disse que achava que talvez devesse ter retornado mais cedo, mas que suas cartas lhe diziam que você estava gostando de ser a moça mais procurada da sociedade londrina e que ele não queria estragar a sua festa.

Ela também não queria estragar a dele. A infância de Clevedon não fora das mais felizes. Perdera pai, mãe e irmã no decorrer de um ano. Papai esforçara-se para ser um bom guardião, mas suas ideias sobre dever e responsabilidade eram rígidas demais e Clevedon, ao contrário dos irmãos de Clara, tentara viver de acordo com os próprios valores.

Quando Clevedon e Harry decidiram viajar para o exterior, ela ficara feliz por ambos. Harry adquiriria cultura e Clevedon, longe de papai, encontraria a si mesmo.

– Ele não deve voltar enquanto não estiver pronto – afirmou Clara.

As sobrancelhas negras de Harry se ergueram.

– *Você* não está pronta?

– Não seja ridículo.

É claro que ela estava pronta para receber Clevedon de volta. Ela o amava. Amava-o desde que era apenas uma menina.

– Não precisa se preocupar em ser mandada às pressas para o altar – disse Harry. – Sugeri que ele esperasse até o fim de maio. Isso dará a seus pretendentes tempo suficiente para se matarem ou se exilarem na Itália. Recomendei a ele dar mais um mês para você se acostumar a ter aquela figura desajeitada andando de novo por aqui. Isso nos levaria ao fim da temporada. Depois, sugeri que fizesse uma proposta de casamento formal, belamente redigida, com muitas promessas de amor eterno, acompanhada de um anel de noivado com um diamante dos mais esplendorosos.

– Harry, você é mesmo ridículo.

– Sou? Ele achou que era uma excelente ideia e nós comemoramos com três, quatro ou cinco garrafas de champanhe, se me lembro bem.



Paris, 15 de abril.

Sedução era um jogo que Clevedon apreciava muito. Ele se deliciava com a caça tanto quanto apreciava a conquista – e, ultimamente, até preferia caçar. Perseguir madame Noirot tinha tudo para ser um jogo mais divertido do que o normal.

Tudo isso traria alguma mudança e um final prazeroso para sua permanência no exterior. Ele não estava com muita vontade de retornar à Inglaterra e às responsabilidades, mas estava na hora. Paris começara a perder o brilho e, sem a companhia divertida de Longmore, ele não via muita graça em passear pelo continente.

Seu plano era voltar a Longchamp, de qualquer maneira, para observar e escrever para Clara um relato espirituoso sobre o lugar. Estava devendo a ela um relato sobre a ópera. Longchamp seria uma fonte mais rica para seus comentários sagazes.

Os passeios anuais na Champs-Élysées e no Bois de Boulogne ocorriam na quarta, quinta e sexta-feiras da semana que antecedia a Páscoa. O tempo, que parecera tão promissor no início da semana, havia mudado, trazendo um vento frio.

Mesmo assim, todas as pessoas importantes de Paris apareceram, vestidas na última moda, exibindo seus belos cavalos e carruagens, que subiam por um lado da rua e desciam pelo outro. O centro pertencia às carruagens

reais e aos que possuíam os mais altos títulos de nobreza. Muitos dos participantes, tanto os mais nobres quanto os menos, passeavam a pé, que foi o que Clevedon decidiu fazer. Essa era a melhor maneira de observar as pessoas e ouvir os comentários do público.

Entretanto, ele se esquecera do quanto a multidão era densa, muito maior do que em Hyde Park nos horários mais frequentados. Durante algum tempo, ele se pôs a imaginar como seria possível encontrar madame Noiro. Parecia que o mundo inteiro viera a Longchamp.

Poucos minutos depois, perguntava-se de que modo teria sido possível deixar de vê-la. Como na ópera, ela criara uma comoção. Tudo que precisou fazer foi desviar o olhar para a direção onde havia um tumulto e lá estava ela.

As pessoas viraram o pescoço para olhá-la. Homens dirigiam suas carruagens umas de encontro às outras. Os que estavam a pé batiam a cabeça nos postes, ou uns nos outros. E ela se divertia bastante com tudo aquilo, disse ele não tinha a menor dúvida.

Desta vez, como a viu de longe, sem se distrair com seus olhos e a voz atraente, pôde assimilar a visão completa: o vestido, o chapéu... e a maneira de falar. De longe, notou o chapéu de palha debruado com fita verde-clara e renda branca, o casaco lilás aberto abaixo da cintura e que revelava uma esvoaçante mistura de pálidos tons de verde.

Ele viu homens se aproximarem dela, um após o outro. Ela parava por alguns segundos, sorria, dizia algumas palavras e continuava caminhando, deixando os sujeitos para trás, todos com o mesmo olhar de espanto e admiração. Na noite anterior, ele devia ter ficado com a mesma expressão no rosto, após ela ir embora.

Ele abriu caminho por entre a multidão e foi até ela.

– Madame Noiro.

– Ah, aqui está ele! – exclamou Marcelline. – Exatamente o cavalheiro que eu queria encontrar.

– Espero mesmo que sim – respondeu ele –, levando-se em consideração o fato de que a senhora me convidou.

– Aquilo foi um convite? Pensei que fosse apenas uma ideia.

– Eu me pergunto se a senhora deu a mesma ideia a todos os que estavam no teatro. Todos parecem estar aqui.

– Oh, não. Eu só queria o senhor. Eles estão aqui porque é um lugar para

quem deseja ser visto. Longchamp. Semana Santa. Todos vêm em peregrinação para ver e serem vistos. E aqui estou eu, na vitrine.

– Uma bela vitrine – arrematou ele. – E inteiramente na última moda, julgando pelas expressões de inveja nos rostos das mulheres. Os homens estão maravilhados, naturalmente... mas eles não lhe são de nenhuma utilidade, imagino.

– É uma situação delicada. Devo ser agradável com os homens, que pagam as contas. Mas são as mulheres que desejam minhas roupas. Elas não terão vontade de dar preferência à minha loja se me virem como uma rival na disputa pela atenção de seus maridos.

– Mesmo assim, a senhora insinuou que eu viesse procurá-la no meio da multidão.

– É verdade. Quero que o senhor pague algumas contas.

Essa resposta era, *mais uma vez*, a que ele menos esperava. Dessa vez, não achou graça. Seu corpo ficou tenso, a temperatura subiu e não tinha nada a ver com desejo.

– As contas de quem?

– Das mulheres de sua família – revelou ela.

Ele não podia acreditar no que estava ouvindo. E acrescentou, de queixo caído:

– Minhas tias lhe devem dinheiro e a senhora veio a Paris para me cobrar?

– Suas tias jamais puseram os pés em minha loja. E é esse o problema. Bem, um dos problemas. Mas elas não são a questão principal. A questão principal é a sua esposa.

– Eu não tenho esposa – retrucou ele.

– Mas terá. E eu devo ser a pessoa que irá vesti-la. Espero que isso já esteja bem claro para o senhor.

Ele precisou de um instante para absorver aquelas palavras. Então, precisou de mais um instante para controlar a indignação.

– A senhora está me dizendo que fez toda uma viagem até Paris para me convencer a deixá-la fazer os vestidos da futura duquesa de Clevedon?

– Por certo que não. Eu venho a Paris duas vezes por ano, por dois motivos. – Ela levantou um dedo indicador da mão enluvada. – Primeiro, para atrair a atenção dos correspondentes que levam informações para as revistas femininas que trazem as novidades sobre a última moda em Paris. Foi uma admirável descrição de um vestido que usei na primavera passada que

atraiu a Sra. Sharp para a Maison Noiro. Por sua vez, ela nos recomendou à querida amiga, lady Renfrew. Aos poucos, as amigas dela passarão a fazer parte de nossa ilustre clientela.

– E o segundo motivo? Não precisa levantar dois dedos. Sou perfeitamente capaz de fazer contas.

– O segundo motivo é inspiração. O coração da moda bate em Paris. Vou aonde as pessoas que estão na moda vão, e elas me dão ideias.

– Entendo – disse ele, embora, na verdade, não entendesse. Era sua punição, concluiu, por procurar relacionar-se com uma lojista, uma pessoa vulgar, que faz tudo por dinheiro. Ele devia ter levado para cama madame St. Pierre na noite passada, mas estragou sua chance correndo atrás daquela... criatura. E ele já estava ficando sem tempo de levar quem quer que fosse para a cama. – Meu papel é meramente incidental.

– Esperava que o senhor fosse inteligente o bastante para *não* entender dessa maneira. Meu grande desejo é o de servi-lo.

Ele franziu o cenho. Ela achou que poderia fazê-lo de tolo. Como o atraía do teatro até a multidão de Longchamp, imaginou que o havia escravizado. Ela não seria a primeira mulher nem a última a brincar com sua imaginação daquela maneira.

– Só peço que pense – disse ela. – O senhor deseja que sua esposa seja a mulher mais bem-vestida de Londres? Quer que ela seja uma líder da moda? Quer que ela pare de usar aqueles vestidos horrorosos? É claro que sim.

– Eu não me importo com o que Clara veste – respondeu ele, com a voz tensa. – Gosto dela pelo que ela é.

– Que lindo. Mas o senhor se esquece de considerar a posição dela. Se não fosse assim, todos nós andaríamos por aí usando túnicas, lençóis e peles de animais, como faziam nossos ancestrais. E é uma bobagem vocês, homens, acharem que roupas não são importantes. Olhe para si mesmo.

A raiva dançava no peito dele. Que ousadia a dela de falar sobre Clara daquela forma! Que ousadia tratá-lo com falsas gentilezas! Ele queria pegá-la e... e...

Que o diabo a carregue! Ele não se lembrava de quando fora a última vez que permitira a uma mulher – uma *lojista*, diga-se de passagem – provocar-lhe tamanha ira.

– Olhe ao seu redor. Estou em Paris. Onde o coração da moda bate, como a senhora disse.

– E o senhor usa qualquer roupa velha em Londres?

Ele estava tão ocupado tentando não estrangulá-la que não pensou em uma resposta adequada. O máximo que conseguiu fazer foi encará-la.

– Não adianta fazer cara feia para mim. Se eu fosse intimidada com facilidade, jamais sobreviveria no ramo em que trabalho.

– Madame Noirot, acho que a senhora me confundiu com outra pessoa. Com algum parvo, acredito. Tenha um bom dia.

Clevedon começou a se virar para ir embora.

– Sim, sim. – Ela fez um leve aceno com a mão. – O senhor vai sair batendo os pés. Faça isso. Eu o verei no Frascati, imagino.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br